

Antonia Mariana de Andrade Ramos

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA
GT 03: Culturas Juvenis na Escola

A JUVENTUDE COMO APROXIMAÇÃO ENTRE ESCOLAS E IGREJAS EM MARANGUAPE

Belém, Pará
2021

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva refletir o espaço escolar como um ambiente em que ocorrem encontros e desencontros das mais variadas cargas subjetivas que se manifestam em agrupamentos juvenis passíveis à investigação sociológica, de forma que temos a religiosidade sendo expressa a partir de contornos desenhados pelas(os) jovens que ocupam as escolas. Nesse contexto, surge a seguinte problemática: o que os agrupamentos religiosos juvenis comunicam sobre a relação entre juventudes, igreja e escolas públicas (representantes do Estado)?

A equação que nos direciona a tal inquietação pode ser traduzida a partir da reflexão que Burity (2014) faz acerca do elo entre religião e escola, em que observa:

Embora real, e cada vez mais sentida no ambiente escolar, tanto quanto na cena pública da representação e dos meios, a diferença religiosa continua, qual esfíge, a devorar quem não a decifra - especialmente porque os códigos predominantes no campo profissional da educação continuam sendo os da teoria da secularização ocidental e suas contrapartes ético-política, o secularismo, e institucional, o republicanismo. (p. 209)

O estranhamento da presença dos grupos religiosos em escolas públicas é natural, visto que conforme Burity (2014), a perspectiva vem sendo analisada através das antigas lentes secularistas. Assim, o contato com o fenômeno ocorre através de um código que restringe a visão do pesquisador, de forma que é necessário considerá-lo através de um outro, o da relação entre secularismos plurais¹ e religiões em um contexto de pluralidade², já que ao tratarmos de uma escola pública, pressupomos a laicidade como propiciadora de um ambiente plural, em que os indivíduos religiosos presentes nas escolas precisam lidar com outros que possuem uma fé diferente da sua, ou mesmo, ausência dela.

Para podermos compreender essa relação, podemos analisar o fenômeno através de uma concepção “capaz de lidar com os dois pluralismos – a coexistência de diferentes religiões e a coexistência de discursos religiosos e seculares. Esta coexistência ocorre não somente nas mentes dos indivíduos, mas também no espaço social.” (BERGER, 2017, P.09). Tendo acomodado tais dados, aponto que este trabalho almejou responder à

¹ Na maior parte dos Estados Modernos “a secularização da sociedade e/ou a laicização do Estado representam a ruptura radical e duradoura de qualquer forma ou de relacionamento com o poder público e os grupos religiosos.” (OLIVEIRA, 2014, P. 48).

² Ribeiro (2013) define que analisar pluralidade religiosa é considerar o “quanto de sistemas religiosos existentes no mundo ou os de uma região específica, são de fato, distintos” (P. 55).

inquietação inicial através da investigação dos agrupamentos religiosos dentro de um contexto de desinstitucionalização do evangelicalismo.

Na escola analisada, apesar da tutela de duas professoras, o que de certa forma, institucionalizou o agrupamento, quem dava cores e contornos ao ORE³ eram os(as) jovens que ali estavam, que por comporem uma nova geração de fiéis, encontram-se mais habituados com os contornos que a religião deles possui na sociedade, conhecendo seus problemas e pontos fortes, manifestando suas preferências religiosas na vivência escolar. Regina Novaes (2012) define que esses novos evangélicos “inserem mais uma possibilidade no repertório dos modos de estar e se movimentar no espaço público” (P.194), uma maneira menos institucionalizada de se compreender e expressar a religião, já que os aspectos constitutivos de determinados credos passaram a ser negociados, tendo em vista as preferências religiosas das organizadoras do agrupamento.

Por fim, consideramos individualizar, para então, generalizar e compreender como esses movimentos podem reincidir em outras instituições formais de ensino, sob a contribuição da sociologia compreensiva weberiana, pela qual Weber constrói sua análise social. Diferentemente dos outros clássicos, o autor parte das ações individuais e singulares para que, a partir de então, possa haver a compreensão da generalidade de uma determinada ação, conciliando individualização e generalização de acordo com a necessidade do fenômeno (SELL, 2015). É partindo desse pensamento que a formação do Ore surge como importante para a apreensão dos significados que as ações dos jovens religiosos possuem no cenário escolar.

1. Agrupamentos juvenis

Dentro da esfera sociológica, os estudos que se debruçam na categoria “juventude” implicam uma diversidade de construções que a analisam pelos mais variados significantes, como classe, gênero, raça, etc. Tal polissemia nos auxilia a compreender “que juventude é uma categoria heterogênea, pois encontra-se submetida a um conjunto de fatores” (DOUTOR, 2016). Assim, até mesmo quando falamos de um recorte específico como é o caso do aqui analisado – religião – não podemos falar no singular, pois

³ Nome fantasia dado ao agrupamento analisado.

Pesquisas recentes têm demonstrado que, em suas atuações no espaço público, os jovens somam “causas”, sobrepondo diferentes identidades. Múltiplas causas e experiências de discriminação podem se somar na vida de um mesmo jovem [...] A predominância de uma identidade sobre a outra ou a combinação de identidades e causas não acontece em abstrato, mas em processos sociais e trajetórias individuais concretas. (NOVAES, 2012, P. 199)

À vista disso, compreende-se que cada jovem atuante no espaço público possui interesses e causas múltiplas que decide ou é conduzido a pleitear. Assim, assumimos que apesar de o Ore se reportar ao cristianismo, o agrupamento analisado é um espaço em que são expressas identidades juvenis variadas, pois acolhe diversos estudantes que possuem variados interesses. É inegável a existência de um recorte, mas isso não o torna homogêneo, pois os jovens que o compõem não o são. Assim, não tomamos os jovens do agrupamento a partir de uma possível identidade homogênea conferida pelo aspecto religioso, mas sim, jovens com identidades diversas.

Conseqüentemente, observamos que apesar das diversas motivações em se integrar ao agrupamento, da solidez ou fluidez da crença de um determinado jovem, bem com as particularidades de cada identidade, também é verdadeiro que para a manutenção do agrupamento ser realizada, é primordial que haja certa unidade quanto a determinados elementos de sua formação. Assim, destacamos que “O estilo de vida – e mais ainda sua expressão prática por meio da formação e sociabilidade nos agrupamentos – é impositivo aos seus usuários. É imperativo àquele que adere ao grupo concordar com suas regras de comportamento e valores morais professados. (FILHO, 2014, P.110).

Logo, como um exemplo de espaço para a sociabilidade dos jovens estudantes que os agrupamentos despontam ser, também operam na maneira em como os atores negociam elementos de suas identidades para o comporem. É importante observarmos que essas identidades continuarão ali, mas silenciadas na maior parte do tempo em que as atividades estiverem ocorrendo, exceto em momentos que haja excepcionalidades que levarão os(as) estudantes a exteriorizarem as arestas de suas personalidades que eles(as) escolheram reter a fim de se integrarem ao estilo de vida proposto por aquele grupo.

Como pôde ser constatado em observações de campo realizadas nas reuniões do agrupamento, haviam jovens que estavam muito interessados em fazer parte daqueles encontros (as líderes, ou outros estudantes que poderiam no futuro tornarem-se líderes), e haviam também os que não aparentavam tanto interesse no momento, utilizando aquele

espaço como uma forma de passar o tempo livre que tinham dentro da escola. A grande maioria, porém, pareceu composta por alunos que não tinham um grande envolvimento, mas também não estavam ali apenas por estar, eram mais maleáveis.

Esse ponto foi sintomático de uma categoria que se faz presente na pesquisa, haja visto que apesar da escola ser um ambiente de sociabilidades, ela também é um espaço de desigualdades, de promessas e quebra das mesmas. Analisando o desencantamento com o espaço escolar, nos deparamos com a construção bourdiesiana, que demonstra a escola como uma promessa de ascensão cultural, essa que vem a se desmanchar quando os alunos, ao adentrarem na realidade cotidiana das duras vivências escolares, percebem as contradições que existem entre os potenciais oportunidades e aquilo que lhes é palpável.

Diante de tal quadro, Bourdieu (2007) constata que a quebra das expectativas leva os alunos a resignarem o espaço escolar, de forma que “desejam lembrar, dentro da Escola, que a verdadeira vida encontra-se fora dela”. (p. 224). Assim, temos que muitos do jovem que frequentam o Ore podem estar utilizando aquele espaço como uma maneira de resignar o ambiente escolar, de forma que o compromisso com as religiões não seja o principal interesse, mas sim, uma fuga da realidade escolar.

2. “Pronto-socorro espiritual”?

Aqui é necessário que façamos um recorte, pois o universo que compreende os cristãos é amplo. No agrupamento específico, puderam ser observadas práticas que são características do segmento evangélico-pentecostal. Há indícios que um dia tenha ocorrido um grupo de reza do terço na escola, mas durante o período de observação, através de perguntas a estudantes e docentes não foi possível averiguar sua existência.

Assim sendo, o único grupo religioso da escola não possuía características ecumênicas. Mais que um grupo que se reunia para falar sobre espiritualidade, nos apareceram como um grupo a fim de perpetuar o estilo de vida pentecostal, mas para que possamos compreender esse estilo, precisamos sublinhar suas particularidade. Mariano (1999) destacou que, esses

Especializaram-se na prestação de serviços mágico-religiosos de fácil acesso e consumo. Tornaram-se uma espécie de “pronto-socorro espiritual” para sanar infortúnios físicos, afetivos, familiares, financeiros. Para isso, vulgarizaram

sua mensagem e diminuíram suas exigências comportamentais, tornando menos dramática a conversão. (MARIANO, 1999, p. 105)

Todos esses elementos do pentecostalismo foram averiguados no Ore, sobretudo o caráter assistencialista, que visava amenizar a dureza da rotina escolar, servindo como abrigo para alunos religiosos e não religiosos, mas que viam no agrupamento uma espécie de escape. Um agrupamento que, a partir da característica própria do pentecostalismo, conseguia acolher os estudantes que estão tentando lembrar que a vida verdadeira está fora dos muros da escola.

Muito do clima “ameno” se dava pelo fato das alunas elaborarem dinâmicas de caráter motivacional, que auxiliasse os alunos a sentirem-se fortes apesar das adversidades cotidianas. Em uma das observações de campo, uma das alunas que liderava o movimento usou seu momento de fala da seguinte maneira:

L: Muitas vezes nós ouvimos essas palavras das pessoas que estão ao nosso redor, as vezes nossos amigos dizem essas coisas, nossos pais... Com certeza todos aqui já ouviram algo do tipo, eu já ouvi. Mas isso não é o que nos define.

O contexto da fala foi o primeiro encontro do ano de 2020, em que muitos alunos estavam presentes e a jovem optou por fazer uma dinâmica que trabalhasse medos e frustrações reprimidas dos estudantes que ali estivessem. Fica claro na fala da estudante o tom de auxílio, que por mais que os jovens não encontrem acolhimento em casa ou entre amigos, eles não são aquilo que os acusam, podem ser muito mais. Estava intrínseca a mensagem de que no agrupamento eles seriam acolhidos. Logo, a escola se torna um ambiente de difusão da mensagem evangélica-pentecostal.

3. Pluralidade e desinstitucionalização da religião

Como já mencionado, o caso específico do Ore possui elementos que poderiam conferi-lo um perfil considerado como institucionalizado, as demais características de organização e condução não contavam com a presença de profissionais da instituição, eram delineadas por três estudantes de séries distintas. Como em um primeiro momento o agrupamento foi idealizado por duas professoras da instituição, ele não possuía vínculo a alguma igreja específica, muito menos reincidência em outras escolas.

Quanto à confessionalidade, as três líderes do agrupamento o denominavam como sendo cristão, mas aberto para outras possíveis confessionalidades presentes na comunidade escolar, o que fez com que fosse possível observar estudantes mórmons afirmando que já haviam integrado ao grupo. Logo, o vemos alimentando o que equivale a uma aparência ecumênica que era retroalimentada pelo fato das estudantes afirmarem não possuírem o intuito de trabalhar religiosidade, mas sim, fomentar uma espiritualidade nos(as) estudantes que o frequentassem, servindo como rede de apoio no espaço escolar.

Contudo, como já afirmado anteriormente, o agrupamento possuía diversas características pentecostais, sendo uma delas, o fato das jovens não possuírem uma liturgia rígida, que era menos voltada para direcionamentos normativos sobre comportamento cristão, de forma que não foram constadas leituras bíblicas⁴. Observou-se mais apreço à oralidade, recitação de versículos memorizados, uso de canções do ramo gospel e dinâmicas de interatividade. Em suma, eram encontros mais voltados para sentimentos e experiências religiosas típicas do pentecostalismo, já que apesar da fala ecumênica, as jovens não se relacionavam com outras expressões religiosas durante os encontros do Ore, o que nos leva a crer que aquele espaço não é acolhedor para todas as possíveis manifestações religiosas da comunidade escolar, mas sim, para alguns estudantes evangélicos pentecostais, cristãos que tenham abertura para esse tipo de expressão, além dos não religiosos que possam ir de encontro à fé através dos encontros.

Assim, a conduta das estudantes na condução do agrupamento explicita que a abertura para um cenário plural que é a escola, faz com que o evangelicalismo professado pelas estudantes perca elementos de sua estrutura constitutiva, a fim de conquistar mais participantes que legitimem a necessidade de sua presença na escola, considerando que “o pluralismo enfraquece a certeza religiosa e abre uma plenitude de escolhas cognitivas e normativas” (BERGER, 2017, p. 52). O pentecostalismo do Ore aparece para nós como um fruto da pluralidade, já que negocia elementos essenciais da fé evangélica, a fim de tornar a aceitação do grupo algo mais acessível aos demais estudantes da escola.

Compreender as alunas como atuantes dessa realidade, é entender o lugar que a religião ocupa na sociedade hodierna, e mais, o papel que os jovens ocupam dentro do fenômeno religioso. Analisando os novos religiosos, a pesquisadora das relações entre

⁴ Na realidade, nos encontros não foi possível observar algum estudante com a Bíblia, livro que institucionaliza as crenças e padrões comportamentais dos fiéis das religiões que a tomam por regra de fé.

juventudes e religiosidades, Regina Novaes (2012) observa que eles crescem em um contexto que a maior parte dos brasileiros já está adaptada à presença do evangelicalismo na sociedade, de forma que muitos deles não concordam com todos os parâmetros éticos e morais encabeçados pelo segmento, mas o incorporam a fim de evitar problemas familiares, lograrem maior aceitação social, ou mesmo, terem mais um espaço para socializarem. Por esse motivo, a autora cria uma categoria para agrupar esses jovens, “evangélicos genéricos”, ela os chama.

Diante desse cenário de sedimentação do evangelicalismo, Novaes (2012) define que “reafirmando o elo com este universo religioso, mas não se sentindo presos a denominações, jovens evangélicos (genéricos) inserem mais uma possibilidade no repertório dos modos de estar e se movimentar no espaço público.” (NOVAES, 2012, P. 194). Ou seja, os novos evangélicos não precisam refletir sobre o lugar que eles podem ou não ocupar como agentes religiosos, até porque como mencionou uma das líderes do movimento, o que importa para ela, é a “espiritualidade”. Eles entendem que no contexto da pluralidade, ganham diferentes espaços e formar para atuarem, não tendo apenas o espaço da igreja ou da casa, mas também da escola.

Contudo, o que talvez não esteja na compreensão das alunas, é que ao diluir a religião para poder acomodar o fenômeno na vivência escolar, elas acabam sendo agentes da desinstitucionalização que é característica da pluralidade. Ou seja, a fim de criar um ambiente de possibilidade para sua manifestação religiosa, bem como aumento de seus fiéis, as jovens acabam enfraquecendo as estruturas do evangelicalismo. Diante de tal contexto, concordamos com Berger (2017) quando afirma que “... o pluralismo, solapando o dado-como-certo da religião, começa um processo de desinstitucionalização da mesma.” (p. 82).

Assumindo que as religiões são instituições, ou seja, “controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possível.” (BERGER; LUCKMANN, 2014, p. 77), o processo de desinstitucionalização promovido pelo pluralidade, e por consequência, pelas jovens líderes do Ore, ocorre quando essas passam a relativizar as estruturas de sua crença em relação a outras. Assim, podemos estabelecer que quando determinados elementos consagrados daquela expressão religiosa perde espaço no agrupamento (como a leitura da Bíblia, por exemplo), ele está sendo relativizado para que possa haver espaço para outras estruturas mais relevantes que as

jovens entendem fazer sentido naquele momento, situação que encontra plena razoabilidade dentro do contexto pentecostal, que como vimos através de Mariano (1999) é em sua natureza, um segmento desinstitucionalizador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mudança ocorrida no cenário brasileiro, realocou do discurso religioso a noção de uma religião dominante, para tráfego interreligioso. Inúmeras expressões religiosas foram se estabelecendo e passando a delinear uma nova realidade que avós e até mesmo os pais do público alvo desta pesquisa, podem ter experimentado, a saber, o de acomodação da pluralidade. Contudo, os jovens que compõem a pesquisa já estão acomodados ao discurso da pluralidade religiosa, eles compreendem que para que sua expressão de fé possa resistir no atual cenário eles devem assumir uma postura que facilite a chegada de novos fiéis. No mercado das religiões, essa é a forma que eles encontram para venderem o objeto que eles acreditam possuir maior valor. Novaes (2018) destaca que

Tais mudanças já não causam grande estranheza para os jovens desta geração. Vivendo em um momento histórico em que o presencial e o virtual se imbricam constituindo-se uma mesma realidade, convivendo com famílias multirreligiosas, os jovens de hoje se movem com mais familiaridade em um jogo menos previsível de percursos e combinações, bem como ampliam o repertório de trajetórias religiosas possíveis. (p. 353)

Dessarte, os jovens desta pesquisa apontam para um cenário em que eles não assumem o papel que se esperaria de seus pais, defensores ferrenhos de uma determinada maneira de se construir as relações religiosas, mas se comportam enquanto sujeitos de seu tempo, jovens adaptados à fluidez dos discursos e ao mundo escolhas que obscurecem o dado-como-certo daquilo que eles afirmam crer, algo que é sintomático do novo contexto das religiões na modernidade.

Os agrupamentos juvenis pentecostais são reflexo dos tempos modernos, tempos esses em que a religião perde seu dado-como-certo, ainda que se faça presente nas mais variadas esferas sociais. Enfraquecendo suas certezas a fim de angariar cada vez mais espaço na sociedade, o pentecostalismo diminui o “preço” de sua oferta no mercado das religiões, para que possa se manter notável. Os jovens expressam muito bem essa realidade quando afirmam que não querem tratar de religiosidade, os dogmas e liturgias

a eles não interessam, mas a espiritualidade e aquilo que há de mágico, eles querem, o que leva ao crescimento dos movimentos dentro das escolas, de forma que esta pesquisa abre lacuna para a análise da compreensão geracional acerca da pluralidade religiosa, elemento que ainda pode vir a ser trabalhado em construções futuras.

Por hora, respondendo a pergunta inicial sobre o que esses agrupamentos podem nos comunicar, destacou-se que a pluralidade dos credos propicia o afrouxamento dos mesmos, a fim de que, perdendo de vista as duras estruturas, possam angariar mais fiéis que são atraídos por um discurso acolhedor. A partir dessas contribuições, pudemos compreender então, que a fertilidade do campo escolar para o florescimento dos agrupamentos religiosos é reflexo de uma situação de resignação em que muitos das(os) estudantes se encontram, e para além, a maneira como o país de constituiu laicamente, cedendo espaços de diálogo com as manifestações religiosas, sobretudo as cristãs.

Assim, destacou-se que o protagonismo exercido por jovens estudantes de uma escola profissionalizante em uma pequena cidade no estado do Ceará, tem muito a contribuir sobre a pertença religiosa dos jovens, bem como o futuro das religiões, visto que as jovens que estão no ambiente escolar agora, comporão a próxima geração de adultos maranguapenses.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento** – 36. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação** – 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BURITY, Joanildo. Discurso, descolonização do saber e diversidade étnica e religiosa na educação. **Espaço Currículo**, v.7, n.2, p.199-218, mai./ago. 2014.

DOUTOR, Catarina. Um olhar sociológico sobre os conceitos de juventude e de práticas culturais: perspectivas e reflexões. **Última Década**, Chile, n. 45, p. 159-174, 2016.

FILHO, Irapuan Peixoto Lima. Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 103-118, 2014.

MARIANO, Ricardo. O futuro não será protestante. **Ciências Sociais e Religião**: Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 89-114, set. 1999.

NOVAES, Regina R. Juventude, religião e espaço público: exemplos “bons para pensar” tempos de sinais. **Religião e Sociedade**: Rio de Janeiro, v. 32, p. 184-208, 2012.

NOVAES, Regina. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. **Interseções**: Rio de Janeiro, v. 20, n.2, p.351-268, dez. 2018.

OLIVEIRA, Gustavo Gilson. Educação, laicidade e pluralismo: Elementos para uma genealogia dos debates sobre ensino religioso no Brasil. **Revista Teias**: Rio de Janeiro, v.15, n. 36, p.43-60, 2014.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica: Marx, Durkheim e Weber**. 7º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.